

ÚLTIMAS LIÇÕES

RETRATO DE UMA SINTATICISTA COM PANDEMIA AO FUNDO

ANA MARIA BRITO

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
PORTO 2022



Ana Maria Brito nasceu em S. Pedro do Sul, mas viveu e estudou em diversas cidades até se fixar no Porto em 1976. Foi docente da FLUP a partir desse ano, tendo defendido o doutoramento em Linguística Portuguesa em 1988. É Professora Catedrática da FLUP desde 2004, tendo-se aposentado em 1 de Janeiro de 2021.

Dirigiu os cursos de Mestrado (2007-19) e de Doutoramento em Linguística (2008-13) e de Ciências da Linguagem (2014-20). É autora de dois livros como autora isolada e é co-autora, entre outros, da *Gramática da Língua Portuguesa* (Caminho, 2003) e de cerca de 140 artigos e capítulos de livros em sintaxe do Português, sintaxe comparada, interfaces sintaxe-semântica e sintaxe-morfologia, variação sintática.

Foi Presidente da Associação Portuguesa de Linguística (2008 -10). Integra regularmente comités da FCT e de revistas e congressos em Linguística. Orientou sete teses de Doutoramento (concluídas) e 40 dissertações de Mestrado em Linguística. Foi diretora de *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, de 2010 a 2020.

RETRATO DE UMA SINTATICISTA COM PANDEMIA AO FUNDO

ANA MARIA BRITO

Ficha Técnica

Título: ***Retrato de uma sintaticista com pandemia ao fundo***

Autor: ***Ana Maria Brito***

Edição: ***Faculdade de Letras da Universidade do Porto***

Ano de Edição: ***2022***

Coleção: ***Últimas Lições***

Execução Gráfica: ***Invulgar - Artes Gráficas / Penafiel***

Tiragem: ***150 exemplares***

Depósito Legal: ***500354/22***

ISBN: ***978-989-9082-17-5***

APRESENTAÇÃO

Ampliando e engrandecendo a coleção *Últimas Lições*, criada em 2015, edita-se agora o texto da lição que a Professora Doutora Ana Maria Brito proferiu, após a sua jubilação, no ano de 2021.

Professora catedrática do Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), a Professora Ana Maria Brito exerceu funções docentes durante quarenta e cinco anos, trabalhando no campo da Linguística e sendo especialista na área da Sintaxe. Foi uma docente empenhada e comprometida com a instituição, mas foi também uma professora que soube transmitir o gosto pelo saber e pela investigação, de forma entusiasta, a todos os seus estudantes. Esse entusiasmo e esse comprometimento são o que de melhor fica na memória quando se recorda um Professor e fazem parte de uma verdadeira atitude pedagógica, já que vão muito para além da mera transmissão do conhecimento. Tal como a nossa Autora nos diz no final da sua lição, são “um ato de completa dádiva”, que sem dúvida deixa marcas em quem “recebe” as aulas, as orientações, o estímulo para continuar a progredir.

A ação da Professora Ana Maria Brito na nossa Faculdade excedeu em muito o ensino e a investigação, pois desempenhou diversos cargos na FLUP, que vão desde a direção de ciclos de estudo até à Presidência do Conselho Pedagógico ou à direção do Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP).

Em nome da instituição que aqui represento, e em meu nome pessoal, quero expressar à Professora Ana Maria Brito a gratidão por todo o trabalho que, ao longo de várias décadas, deu à Faculdade Letras e à Universidade do Porto, esperando que continue a sentir-se parte da nossa “casa” e que possamos continuar a contar com o seu saber e com a sua colaboração, por muitos e longos anos.

Fernanda Ribeiro
Diretora da FLUP

RETRATO DE UMA SINTATICISTA COM PANDEMIA AO FUNDO

A última lição de um professor tem sempre um tom de despedida; porém, pode ser um momento de alegria, de uma certa maneira uma festa, para celebrar uma carreira e uma longa vida profissional. Hoje, estamos aqui reunidos para fazer a festa possível, no meio de uma pandemia que tem afetado todos os nossos comportamentos e um ano depois de eu ter lecionado, de facto, as minhas últimas aulas a estudantes. É precisamente devido às circunstâncias em que vivemos que escolhi o título desta lição, parafraseando Heinrich Böll (*Retrato de grupo com senhora*) e Teolinda Gersão (*Paisagem com mulher e mar ao fundo*), por sinal dois escritores de que gosto bastante.

O que sinto

São muitos os sentimentos que me atravessam neste momento. Em primeiro lugar, o sentimento de dever cumprido, pois trabalhei durante 45 anos nesta Faculdade, executando tarefas de ensino, de investigação, de gestão, de serviço à comunidade, com discrição, sem ambição de poder, mas com exigência.

Sinto uma grande satisfação, pois durante estes anos (exceto durante o ano de 2020!...) tive a saúde e a energia para cumprir todas estas tarefas, em particular a de ensino, dando aulas como sempre gostei de fazer: em pé, escrevendo no quadro, interagindo com os estudantes, fazendo tudo para lhes transmitir o meu conhecimento e entusiasmo e para inculcar neles o gosto pela descoberta.

Outro sentimento muito forte é o de agradecimento à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), ao Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP), ao Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos (DEPER) e à Biblioteca da FLUP, que me propiciaram a realização de uma das atividades humanas mais nobres, a investigação científica na área que escolhi: a Linguística.

Esse agradecimento é extensível a todos os colegas com quem tive a honra e o prazer de conviver durante estes 45 anos, fosse na Rua das Taipas, no edifício das antigas Românicas, na Rua do Campo Alegre ou na via Panorâmica; e a quem vou referir-me de forma mais explícita no final desta lição.

Os colegas desaparecidos

Alguns colegas, demasiados, já nos deixaram e desses ficou a saudade e um sentimento de perda. Gostaria aqui de recordar apenas alguns deles: o Pedro Figueiredo, o filósofo culto e informado, com quem aprendi a trabalhar, no princípio dos anos 90, com computadores no velho sistema Word perfect 5.1; a Margarida Losa, querida amiga, a confidente cúmplice, a lutadora por várias causas, desde as ambientais às condições pedagógicas da FLUP; Óscar Lopes, esse grande e genial professor e investigador, a quem devo afinal a minha presença no Porto; o Américo Santos, o literato com quem conversava no gabinete da Rua do Campo Alegre sobre os escritores que ambos apreciávamos; o Paulo de Carvalho, o homem de teatro, o amigo com quem um dia combinei um jantar que não chegou a acontecer; a Fernanda Dantas, querida amiga, com quem passei tantos bons momentos e com quem aprendi a gostar do Porto, do futebol, dos fenómenos de variação linguística; o Joaquim Fonseca, linguista excepcional e colega de tantos anos! E o Simão Cardoso, o amigo bom, que todos os anos nos recebia na sua simpática casa do Pópulo, com a sua querida Gininha!

Agradecimentos institucionais

Depois desta evocação, permitam-me que exprima os meus agradecimentos a todos os que contribuíram para a organização desta última lição, em particular à Professora Fernanda Ribeiro, diretora da FLUP, à Professora Zulmira Santos, Presidente do DEPER, ao Professor João Veloso, Coordenador Científico do CLUP, à professora Fátima Marinho, pelas palavras simpáticas e generosas que me dirigiu.

É devida uma palavra muito especial aos estudantes, às centenas de estudantes a quem dei aulas, e em especial a todos os que orientei em dissertações de mestrado e de doutoramento, pois com eles sempre avancei e aprendi mais. Não podendo aqui recordar os 40 orientandos de mestrado em Linguística, lembro apenas os sete estudantes que orientei em doutoramento: Helena Couto Lopes, Fernando Martinho, Carmo Oliveira, Celda Morgado, Inês Oliveira, Afonso Menezes, Luísa Leão.

O meu reconhecimento vai também para os funcionários da FLUP e da Reitoria da UP, que durante tantos anos me ajudaram em tarefas burocráticas de que não gosto, nomeadamente o gabinete de eventos; os serviços académicos, especialmente os relacionados com a condução do Mestrado em Linguística e do Doutoramento em Ciências da Linguagem; o gabinete de projetos; a Unidade de Logística; os serviços de contabilidade; o apoio à direção da Revista *Linguística*, através da Ana Paula Soares; o apoio ao ensino *online*, através da Isabel Martins, da UP; os serviços informáticos, que tão importantes foram na resolução de pequenos problemas no meu portátil, tendo recebido conselhos que ajudaram a tornar as aulas à distância, no ano de 2020, mais agradáveis e produtivas.

Estendo os meus agradecimentos aos colegas e amigos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, da Universidade Aberta, da

Universidade Católica Portuguesa, da Escola Superior da Educação do Politécnico do Porto, da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior, com quem tenho sempre aprendido tanto.

Um reconhecimento muito especial à Associação Portuguesa de Linguística, uma associação à qual dei muito, em particular nos dois anos a que ela presidi, mas que também me deu muitíssimo, por me ter proporcionado, ao longo de tantos anos, o prazer dos encontros anuais, da partilha de ideias, do convívio entre gerações.

Um primeiro balanço

O mundo alterou-se muito nestas últimas décadas e com ele mudou a minha vida, a Faculdade e as nossas rotinas. Eu sou do tempo das mesas com braseiras, das casas sem televisão, dos ferros de engomar pesadíssimos, do telefone fixo; na Faculdade, sou do tempo das máquinas de escrever, do *stencil*, dos sumários escritos à mão, do ordenado recebido das mãos da Sra. D. Adozinda, das aulas com centenas de estudantes e de certas benesses devidas a professores universitários.

Sou também do tempo em que as livrarias eram lugares especiais e por isso recordo o Sr. Fernando Fernandes e a Livraria Leitura, na rua de Ceuta, onde comprei e encomendei tantos livros de Linguística.

Hoje dependemos quase exclusivamente dos computadores e da internet, as condições de trabalho de alguns de nós deterioram-se; assistimos nalguns casos àquilo que Readings (1996) designa a “proletarização do professorado do ensino superior”, umas vezes com excesso de estudantes nas turmas e demasiadas tarefas burocráticas.

Nos anos 70 do século XX, quando estava ainda na casa dos 20 anos, o mundo era desigual, havia guerras e injustiças; porém, como muitos jovens da minha geração, eu achava que podia contribuir para um mundo melhor e por essa razão aprendi a lutar, fora e dentro das instituições, pelas minhas ideias, em particular por uma escola mais democrática, mais solidária, mais transparente.

Estamos atualmente num mundo em que se agravaram as desigualdades sociais, em que estão a renascer movimentos racistas, xenófobos e de extrema-direita, em que continua a existir violência sobre as mulheres e sobre as minorias, o meio ambiente está em grave crise e vivemos uma pandemia que alterou radicalmente a nossa vida e que nos trouxe uma enorme sensação de insegurança.

E, contudo, a vida tem sido boa para mim, tive e tenho uma família que adoro, soube o que é o amor, tive a alegria da maternidade e de ter netas, tive o privilégio de ensinar e de encontrar estudantes e colegas excepcionais, de fazer amigos e de construir afetos, tive a oportunidade, graças às condições que os meus pais me proporcionaram, de ter acesso à Universidade, uma instituição que continua a ser um lugar privilegiado, um espaço de construção do saber, de produção coletiva da ciência e isso faz-me ter esperança e confiança no futuro e nas novas gerações.

É, portanto, do percurso de uma professora e de uma investigadora que se sente globalmente realizada pelos 45 anos decorridos de que vos vou falar nesta última lição; e, claro está, um pouco dos meus 70 anos de vida.

O meu percurso de vida: de S. Pedro do Sul ao Porto

Tendo nascido em S. Pedro do Sul e estudado em várias escolas e liceus portugueses, no final do antigo 5º ano as escolhas do curso a tomar eram ainda Românicas, Arqueologia, Matemática... Mas decidi-me pelas Românicas e em 1968 rumei para Coimbra, onde, no 1º ano, duas experiências foram determinantes: a leitura da *Teoria da Linguagem*, de Herculano de Carvalho, e um mês de aulas de Fonética lecionadas pelo Professor Armando Lacerda, em substituição do Professor Brian Head, que se tinha deslocado ao Brasil.

Claro que o ano de 1969 foi também importante na minha vida por causa da crise académica, que opôs os estudantes da Universidade de Coimbra e a direção da Associação de Estudantes às autoridades e ao governo. Vinda de uma família “contra o regime”, eu estava habituada a discussões e debates políticos e tinha acompanhado, embora de longe, o Maio 68; todavia, nunca como naqueles meses (de 17 de Abril até ao final do verão de 1969) eu tinha vivido uma experiência tão intensa; nesses meses percebi definitivamente o que pode ser a força de um movimento coletivo à procura de maior democracia nas escolas.

Em meados de 1969, o meu pai, que era juiz, tinha sido mais uma vez deslocado para Lisboa e, estando eu no final do 1º ano, acompanhei os meus pais e entrei na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em outubro desse ano. E foi, de facto, a partir do contacto com Maria Helena Mateus, Malaca Casteleiro, Maria Emília Marques - os professores - e Isabel Faria, Eduardo Paiva Raposo, José António Meireles (um ano mais velho), Inês Duarte, Gabriela Matos, Fátima Oliveira - os colegas - que a minha escolha pela Linguística se acentuou. Apesar de estarmos em ditadura, o ambiente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa era cordial, inovador; havia, de modo geral, um bom relacionamento entre professores e estudantes, apesar das crises e da repressão que de vez em quando se abatiam sobre os estudantes.

Foram determinantes as aulas da Professora Maria Helena Mateus, que nos falou, pela primeira vez, de Gramática Generativa, de um linguista chamado Chomsky e de ambiguidade estrutural e eu percebi que as frases tinham estruturas hierárquicas que descreviam as relações entre constituintes e que as categorias sintáticas eram capazes de descrever melhor certos fenómenos do que simplesmente as funções sintáticas! E aqui começou o interesse pela Sintaxe.

Já contei num outro texto¹ como foi igualmente importante uma viagem de final de curso de um pequeno grupo de finalistas de Românicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que, em 1973, resolveu ir a Cambridge assistir a um Colóquio de Sintaxe e Semântica Formal, onde iriam falar algumas “estrelas”, como John Ross, George Lakoff e muitos outros. Nessa viagem conheci o Prof. Óscar Lopes e esse foi o início de uma bela amizade, que se manteria até ao fim.

Com o 25 de Abril de 1974, a entrada de Óscar Lopes na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a necessária renovação do corpo docente em Linguística na Faculdade, houve um convite àquelas três jovens que tinham ido na viagem de curso

¹ Brito, A.M. (1996) Como eu gosto de Óscar Lopes. In *Uma Homenagem a Óscar Lopes*, Edições Afrontamento, Câmara Municipal de Matosinhos, pp. 91-95.

a Inglaterra (eu própria, a Inês Duarte, a Fátima Oliveira) e, assim, em 1975, viemos as três pela primeira vez ao Porto e à FLUP, fomos contratadas e em Janeiro de 1976 começámos a trabalhar.

A Sintaxe

Nos primeiros anos estudei e li muito, à procura do meu próprio caminho. Porém, de todas as áreas possíveis em Linguística, eu escolhi, como é sabido, a Sintaxe.

A Sintaxe é a área da gramática que estuda as condições que regulam as combinações de palavras, estabelecendo relações de interface com outras áreas. A ligação com a Fonologia dá-se uma vez que, em línguas flexionais como o Português, certos processos que regulam as combinações de unidades fonológicas em formas nominais e verbais, dependem de relações sintáticas, como a concordância no Sintagma Nominal (SN) e na frase, entre muitos outros aspetos. A Sintaxe tem uma importante relação com a Morfologia e a ela me vou referir mais adiante. A Sintaxe tem também uma interface com a Semântica, pois as combinações de palavras dependem do significado das palavras e essas combinações são a fonte do significado composicional das frases.

E há ainda relações entre Sintaxe e Discurso, pois noções como foco, comentário, pressuposição, têm correlatos sintáticos e a ordem de palavras estabelece relações com a estrutura informacional, como é bem claro nos fenómenos de topicalização e de focalização, apenas para ilustrar alguns temas dessa complexa interface.

O percurso em Sintaxe

Enquanto estudante e, confesso, mesmo nos primeiros anos como assistente, eu estava ainda marcada pelos primeiros modelos desenvolvidos por Chomsky, modelos com grande poder descritivo da língua inglesa, mas com fraco poder explicativo em relação à aquisição da linguagem, à mudança e à diversidade linguística, embora esse fosse, desde o princípio, o objetivo ambicionado pelo linguista.

Duas das ideias centrais do modelo de 1957 eram ainda a completa autonomia da sintaxe relativamente ao significado e a noção de transformação como regra capaz de converter frases básicas, as chamadas “kernel sentences”, em frases derivadas. No livro de 1965 havia um certo lugar para o Léxico, mas o modelo continuava a ser dominado pela noção de regra.

No final dos anos 70 e princípio dos anos 80, além de ter continuado a dar aulas na Faculdade em várias disciplinas, colaborei na 1ª edição da *Gramática da Língua Portuguesa* sob a direção da Professora Maria Helena Mateus.

Por essa mesma altura, comecei a elaborar a minha tese de doutoramento, em Sintaxe Generativa, tendo como tema central as orações relativas, orientada por Óscar Lopes e Eduardo Paiva Raposo.

E foi precisamente quando comecei a preparar o doutoramento que li as famosas *Lectures on Government and Binding*, de Noam Chomsky, que foram publicadas em livro em 1981. A leitura desse texto foi uma experiência crucial. A Teoria da Regência e da Ligação comportava vários módulos, desde a Teoria X-Barra, que propunha

princípios gerais sobre a estrutura dos constituintes, a Teoria da Ligação, que estudava as condições de distribuição de anáforas e pronomes, a Teoria Temática, que analisava as condições a que obedecia a atribuição de papéis temáticos, a Teoria do Caso, entre outros módulos. A Teoria da Regência e da Ligação deixou de ser um modelo de regras para ser um modelo de princípios e parâmetros; tinha maior poder descritivo do que modelos anteriores e permitiu analisar muitas línguas até aí pouco estudadas em Gramática Gerativa, as línguas românicas, o Alemão, as línguas escandinavas, as línguas eslavas, o Chinês e acentuava que o objeto central da Linguística é compreender a natureza do conhecimento linguístico.

Tal teoria surgiu para mim naquela altura como a mais integradora, a mais inovadora, a mais coerente disponível em Sintaxe e por isso a adotei na minha tese de doutoramento, embora, na década de 90, fosse já claro que certos aspetos da Teoria da Regência da Ligação teriam de ser abandonados, dado o número excessivo de princípios, e dado ser um modelo representacional e pouco económico.

Por isso, nas décadas seguintes, adotei certos aspetos do Programa Minimalista, definido em 1995, tendo continuado a acompanhar o trabalho de Chomsky. A sua visão tem determinado a minha conceção da linguagem e da Linguística: a ideia central é a de que a Sintaxe é o sistema computacional da língua, que permite combinar as unidades do Léxico, segundo princípios universais e parâmetros particulares, de modo a gerar representações de dois tipos, as que vão ser interpretadas fonologicamente e que servirão de interface, nas línguas orais, ao sistema articulatório-acústico, e as que vão ser interpretadas semanticamente e que servirão de interface ao sistema concetual.

Esta visão tem marcado o meu trabalho de descrição do Português Europeu, em comparação com outras línguas e em comparação com variantes não europeias do Português. Tal programa tem vindo a recriar-se, sempre na tentativa de conter menos princípios e com mais poder explicativo e tem vindo a dialogar com modelos alternativos, alguns dos quais me influenciaram, como irei mostrar daqui a pouco.

Sendo autora de cerca de 140 títulos, entre livros, artigos, capítulos de livros, artigos em livros de atas, resenhas de livros, sobre vários temas gramaticais, não poderia, nesta última aula, falar-vos de tudo o que escrevi. Resolvi, por isso, visitar cinco áreas que me interessaram sobremaneira e que hoje vejo de maneira distanciada e crítica: as construções relativas, a estrutura do Sintagma Nominal, a relação palavra / frase, palavra / verbo, o mesmo é dizer certas relações entre Morfologia e Sintaxe, em particular fenómenos de nominalização deverbal, e a sintaxe do Objeto Indireto.

Cinco áreas de investigação linguística

As construções *wh / Q*

I - As chamadas construções *wh / Q* (constituídas pelas relativas, interrogativas e exclamativas) sempre me fascinaram, tendo escolhido as orações relativas como objeto de estudo da minha tese de doutoramento.

A propósito das relativas restritivas, ilustradas em (1) em (2)

- (1) A estudante que telefonou é muito aplicada,
 (2) As pessoas que encontrei ontem foram simpáticas.

e no quadro da Teoria da Regência e da Ligação, coloquei algumas perguntas de investigação, de que destaco as seguintes: por que razão em Português usamos sempre *que* em relativas restritivas de sujeito (SU) e de Objeto Direto (OD), ao contrário de outras línguas, como o Inglês, em que podemos usar, além de outras possibilidades, *who*, *whom*, *which* em função de traços semânticos do antecedente? E por que razão no mesmo tipo de relativas, as restritivas, os pronomes *quem/o qual* só podem ser usados precedidos de preposição, como em (3a) e (3b)?

- (3) (a) A estudante a quem entreguei o livro acaba de chegar.
 (b) A estudante à qual entreguei o livro acaba de chegar.

Na minha tese, muito influenciada por Kayne (1975) para o francês, propus que em relativas de SU e de OD como (1) e (2), o *que* é um marcador uniforme de subordinação e que a leitura argumental desse morfema é-lhe dada pelo movimento de um operador nulo que se move para a posição de especificador de SCOMP (Sintagma Complementador), a categoria funcional com a qual descrevo as relativas; veja-se a representação em (4):²

- (4) [[a estudante]_i [_{SCOMP} Op nulo_i [que]_i [-]_i telefonou]]

Esse *que* seria distinto do *quem* e de *o qual* em (3) e do *que* precedido de preposição, como em (5):

- (5) A instituição a *que* me dirigi foi uma escola secundária,

esses, sim, considerados verdadeiros morfemas nominais, que inclusivamente podem ter traços de concordância, alguns visíveis, como em *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*, outros não visíveis, como em *quem* (embora em Espanhol tenhamos a distinção *quien / quienes*).

E defendi então que o *que* SU e OD seria diferente do *que* precedido de preposição, que é sensível ao traço [+/-animado] ou [+/- humano] do antecedente e, portanto, considerado por mim como verdadeiro pronome relativo. Veja-se a distinção entre (5), com *que* e com antecedente *a instituição* e (6), com *quem* e com antecedente *a pessoa*:

- (6) A pessoa a *quem* me dirigi era uma secretária da direção.

² Para além de Sintagma Complementador (SCOMP), usarei as seguintes siglas para as categorias sintáticas: ST para Sintagma Tempo, SVoz para Sintagma Voz, SV para Sintagma Verbal, SDET para Sintagma Determinante, SP para Sintagma Preposicional, SK para Sintagma Caso, SNUM para Sintagma Número, SCONC para Sintagma Concordância, SASP para Sintagma Aspeto..

Repare-se que nas relativas cortadoras, tão frequentes na variante oral, como em (7)

(7) O livro que gosto mais é o Memorial do Convento.

e nas relativas resuntivas, bastantes mais estigmatizadas, pelo menos em Português Europeu (PE), como em (8)

(8) *? Eu tenho uma amiga que ela é enfermeira

não há tanta evidência de movimento Q e esses comportamentos poderiam dar força à proposta de o *que* nestas construções ser um marcador uniforme de subordinação, um complementador e não um verdadeiro pronome relativo.

Como seria de prever, a minha proposta de 1988/1991³ sobre a natureza de *que* como SU e como OD em relativas com antecedente em português foi polémica e provocadora, mas foi muito importante para o desenvolvimento da investigação sobre orações relativas e está na base de discussões interessantes ao longo das últimas décadas, permitindo evidenciar que as questões de investigação estavam bem colocadas.

Há, contudo, algumas razões para contestar a minha proposta de 1988 de o constituinte *que* nas relativas de SU e de OD ser o mesmo morfema do complementador.

Existem variedades de línguas românicas em que a distinção complementador / pronome relativo não é tão estanque, havendo complementadores com traços de concordância e, pelo contrário, pronomes relativos que não exibem tais marcas. Vejam-se as investigações de Poletto & Sanfelici (2019), sobre o Marebbano, um dialeto do Ladino falado na região de Marebbe, Val Badia, Itália. O sistema relativo desta variedade é marcado por *deixis* e pelo caso, exibindo uma forma idêntica ao complementador como forma não marcada *che / ch'*; vejam-se os exemplos (9a) de completiva e (9b) de relativa restritiva:⁴

(9)(a) I jogn dij ch' al mangia massa cern.

'O rapaz diz que come muita carne'

(b) La ëra che tu ás encunté ennier cianta pal cor.

'A mulher que encontraste ontem canta no coro'

Contudo, em certos contextos de relativa de SU usa-se *co*, tanto em não restritivas, como em (9c), como em restritivas, como em (9d):

(c) La Talia, co à les leges dër rigoroses, prodüj le miù ere d'ori.

'A Itália, que tem leis muito rigorosas, produz o melhor azeite'

(d) I jogn co laora a Milan va vigne dé con la ferata.

'O rapaz que trabalha em Milão vai todos os dias de comboio'

³ 1988 corresponde à data de defesa da tese de doutoramento, 1991 à data de publicação em livro (ver referências finais).

⁴ Os exemplos são retomados por Rinke & Assman (2017: 10 e 11).

Por outro lado, *quale*, sem dúvida um relativo, não ocorre com marcas de concordância no Velho Napolitano, como no exemplo (9e), apesar de ter um antecedente plural e feminino.

(e) Haverno facte cose quale mai tenarono fare.

‘(eles) fizeram coisas que nunca tentaram fazer.

Poletto & Sanfelici (2019) afirmam então que os morfemas relativos nem sempre se dividem entre formas uniformes, idênticas aos complementadores, e relativos variáveis, como era sugerido na minha proposta de 1988/1991.

Outro problema, de caráter mais teórico, relaciona-se com a noção de operador nulo. Na versão atual do Programa Minimalista, a ideia de operador nulo é difícil de sustentar: num momento da Sintaxe em que se supõe que há movimento de constituintes para a verificação de determinado traço, por que razão haveria movimento de um operador nulo?

Assim, partilho atualmente da opinião de Veloso (2013) e de Rinke & Assman (2017) de que o chamado pronome relativo *que*, mesmo em relativas de SU e de OD, não é um marcador uniforme de subordinação mas um determinante relativo com núcleo nominal vazio, como simplificada e se descreve em (10), proposta que não vou aqui desenvolver nos seus detalhes mas que permite relacionar de forma bastante interessante o *que* relativo, com o *que* interrogativo (11) e com o *que* exclamativo (12):

(10) [que e]

(11) Que livro compraste?

(12) Que livro!

Eu própria reformulei algumas das ideias iniciais num artigo de 2006, em versão francesa, de que continuo a gostar. E tudo isto continua a interessar-me de tal maneira que, nos últimos anos, escrevi a duas mãos com a Gabriela Matos vários artigos que continuam a explorar estas temáticas, a relação entre relativas e interrogativas parciais e subordinadas, a existência de diversos tipos de interrogativas subordinadas, a sintaxe das relativas livres, entre outros aspetos, no quadro do Programa Minimalista.

A estrutura das expressões nominais

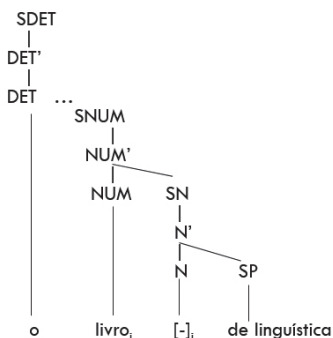
Um dos problemas igualmente tratados na minha tese de doutoramento era a posição das relativas no conjunto do SN. Sempre me interessou a arquitetura do que é tradicionalmente chamado SN, tendo em conta as múltiplas possibilidades de combinação dos nomes com determinantes, adjetivos, sintagmas preposicionais complementos e modificadores e obviamente as orações relativas. Pensemos em exemplos como (13):

(13) os meus vários livros antigos que guardei na estante

A visão tradicional das expressões nominais repousa na ideia de que o nome é o seu centro, o seu núcleo. Mas, e se não for bem assim, pelo menos nas línguas com artigos?

No verão de 1988, já depois de ter entregue a minha tese de doutoramento sobre relativas à FLUP, descobri a hipótese SDET (Sintagma Determinante) de Abney (1987), a chamada *DP Hypothesis*, mais tarde desenvolvida por Cinque (1994) e Longobardi (1994), entre muitos outros. Tal hipótese consiste em fazer do Determinante o ou um dos núcleos funcionais das expressões nominais referenciais, concebendo, portanto, o SDET como uma estrutura com várias camadas funcionais para além da camada lexical constituída pelo N e pelos seus argumentos, se os tiver. Nas camadas funcionais, e para além de SDET, poderia existir SNUM (Sintagma Número), talvez SCONC (Sintagma Concordância) ou simplesmente SPOSS (Sintagma Posse), para permitir dar conta dos possessivos pré-nominais, que não vou aqui analisar.

(14)



Estas hipóteses, apresentadas em artigos meus dos meados dos anos 90, foram determinantes para o avanço do entendimento da chamada categoria SN em Português numa perspetiva de sintaxe comparada (ver Brito 1996).

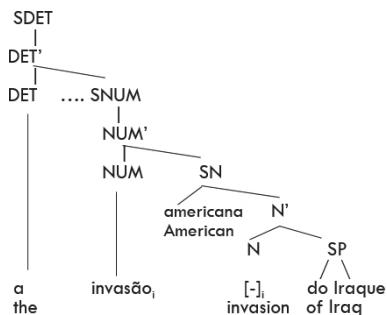
Repare-se que, tal como a estrutura em (14) já sugere, admite-se que o N pode mover-se, em certas línguas como o Português, para o núcleo de certas projeções funcionais. Esse mecanismo permite fornecer uma análise inovadora acerca da posição dos adjetivos relacionais, sistematicamente pós-nominais em Português, como em (15):

(15) a invasão americana do Iraque

De facto, a construção (15) é obtida por movimento do N para uma categoria funcional, que pode ser NUM, diferentemente do Inglês, com adjetivos relacionais sistematicamente pré-nominais, como em (16), em que não há movimento do N:

(16) the American invasion of Iraq

(17)



A estrutura em (14) é simples, mas permite captar muitos fenômenos da estrutura das expressões nominais: um deles é o movimento do N para D em certas línguas, como as escandinavas, o que permite explicar artigos pospostos ao nome, como em (18a), do Sueco, e (18b), do Romeno:

- (18) (a) pojken
rapaz-o
'o rapaz'
(b) baiatul
rapaz-o
'o rapaz'

Ou a possibilidade de genitivos em especificador de SDET em Alemão e em Inglês, como em (18c) e muitos outros fenômenos:

- (c) Annas Buch / Anna's book
Ana_{Gen} livro
'o livro da Ana'

Contudo, as estruturas (14) e (17), propostas para dar conta das expressões nominais com nomes contáveis e com artigos, podem e devem atualmente ser reconsideradas, por vários motivos:

(i) a atenção a línguas sem artigos, como o Chinês, permitiu perceber que a categoria dos determinantes não é universal e que há que repensar muitos aspectos da sintaxe das expressões nominais. Leia-se, entre outros, Chierchia (1998) e o seu *Nominal Mapping Parameter*, segundo o qual não há isomorfismo entre os chamados SNs argumentais e a categoria SDET. As línguas variam de acordo com o que um SN denota. Em línguas como o Chinês, os SNs são basicamente argumentais e por isso ocorrem livremente sem determinantes. Nas línguas românicas os SNs são essencialmente predicativos e isso impede-os de aparecerem em posições argumentais, a não ser que a posição de D seja projetada, sendo, portanto, aí verdadeiros SDETs. E em línguas como o Inglês tanto pode haver SNs argumentais como SNs predicativos. Tudo isto tem merecido desenvolvimentos em relação a muitas línguas.

(ii) Outro fenómeno que nos obriga a repensar a estrutura em (14) é a concordância de número. Na verdade, nas variantes do Português em que a concordância de número pode ser parcial, como em (19), tão usual em variedades orais do PB

(19) *os menino*

a categoria SNUM pode não ser justificada e muito provavelmente a concordância, quer ao nível da frase quer ao nível do SN, terá de ser encarada como resultado de operações pós-sintáticas, como desenvolverei mais adiante. Além disso, de acordo com o Programa Minimalista, as categorias funcionais são importantes na sintaxe como estádios derivacionais necessários para a verificação de traços; com efeito, um objeto sintático está bem formado ou gramatical quando os traços implicados na derivação que os geram forem verificados devidamente. Por estas razões, expressões nominais onde não há concordância de número não deverão conter SNUM e tal categoria não deve portanto ser considerada universal.

(iii) outro fenómeno importante é o *determiner spreading*, a chamada “dupla definitude”, que ocorre, entre outras, nas línguas escandinavas, como no Norueguês; veja-se (20):

(20) *det store huset*
a grande casa-a
'a casa grande'

Este fenómeno tem levado a inúmeras discussões e propostas, sendo uma das mais polémicas a de Giusti, G. (2015), que desenvolve um tratamento alternativo ao de Longobardi (1994), vendo os artigos não como a codificação de traços semânticos, como estamos habituados a considerar, mas como expressão de traços de morfologia nominal (Caso, Número, Género) em muitas línguas europeias.

(iv) há também perspetivas teóricas novas que podem pôr parcialmente em causa esquemas como os de (14) e (17), que ainda são baseados nos princípios de endocentricidade e de sucessividade. Num artigo intitulado “Bare structure”, Chomsky mostra como a chamada Teoria X-Barra tem de ser repensada; ela pode não ser eliminada (e o que é certo é que muitos sintaticistas continuam a usá-la) mas a informação que ela nos transmite pode obter-se de forma mais elegante a partir da operação de *merge* (‘compor’) de categorias máximas e de categorias mínimas.

Tendo escrito vários artigos desde os anos 90 sobre a sintaxe das expressões nominais, gosto particularmente de vários textos que tive o privilégio de escrever a duas mãos, com Fátima Oliveira (1997), com Petra Sleeman (2010), com Eduardo Paiva Raposo (2013) e com Ruth Lopes (2016), mostrando que o trabalho em equipa é uma das maneiras mais entusiasmantes de se fazer investigação, de se avançar no sentido de um melhor conhecimento sobre a realidade.

Relação palavra / frase, relação nome / verbo e a interface Sintaxe / Morfologia

A relação entre Morfologia e a Sintaxe é mais complexa do que tradicionalmente nos é dito pelos gramáticos, que sempre consideraram que a unidade de análise por excelência da Morfologia é a palavra e a unidade por excelência da Sintaxe é a frase (simples ou complexa). Porém, esta distinção pode ser repensada, pelo menos nalguns tipos de línguas.

Nas chamadas línguas incorporantes, por exemplo, a separação entre palavra e frase tem de ser vista com cuidado. Em línguas ameríndias estudadas por Baker (1988)⁵, certos argumentos verbais ocorrem amalgamados aos verbos, como os exemplos (21), (22) e (23) permitem confirmar:⁶

(21) Yao-wir-a?a ye- nuhs-nuhwe?-s? (Moicano)⁷
pref-bebé-sufixo 3p-fem.sg-casa-gosta-aspeto
'O bebé gosta da casa'

(22) Pet wa- ha-hwist-ahtu t- a (Onondaga)⁸
Pet passado-3p.-dinheiro-perdeu-causa-aspeto
'Pat perdeu dinheiro'

(23) Tiyaanquis-co ni tlaxcal-naamaca (Nauatle)⁹
mercado-locativo 1p.sg.-tortilha-vender
'Eu vendo tortilha no mercado'

Mesmo nas línguas Bantu, que têm morfemas aplicativos e que foram estudadas por Baker (1988), Marantz (1993), Alsina & Mchombo (1993), entre muitos outros, embora haja uma maior distinção entre nomes e verbos, existem morfemas aplicativos que se unem às raízes verbais, juntamente com outros morfemas de tempo e aspeto, que noutras línguas do mundo são dados por estruturas sintáticas com várias palavras envolvidas. Os exemplos (24) e (25) são do Chichewa¹⁰ e são dados por alguns dos autores acima indicados:

(24) Chitsiru chi-na-gul-ír aatsíká namphâtso
7-louco 7S-Pass-comprar-apl-Vf (vogal final) 2-raparigas 9-presente
'O louco comprou um presente às raparigas' (Alsina & Mchombo 1993, p. 18).

⁵ Os exemplos são retomados por Bosque & Gutiérrez-Rexach (2009: 175).

⁶ Todas as indicações sobre línguas que se seguem foram tiradas da Wikipédia.

⁷ Os moicanos são um povo indígena dos Estados Unidos da América que vive atualmente em Shawano, no estado do Wisconsin. São cerca de 3000.

⁸ Os Onondaga são uma das cinco nações dos Iroquois. Vivem em Onondaga, Nova Iorque, sul do Lago Ontário.

⁹ O Nauatle, também chamado asteca ou mexicano, é uma língua pertencente à família uto-asteca, usada pelo povo nauatle e falada no território que atualmente correspondente à região central do México pelo menos desde o século VII. No final do século XX, era falada por pouco menos de um milhão e meio de pessoas.

¹⁰ Nianja, Cinianja ou Chichewa é uma língua africana falada principalmente no Malawi, onde é língua oficial, ao lado do inglês, e também na Zâmbia, no Zimbabué e em Moçambique, tendo cerca de 9, 3 milhões de falantes. Pertence à família das línguas nigero-congolesas e ao ramo das línguas Bantu.

- (25) Mavuto a-na-umb-ir-a mpeni mtsuko
 Mavuto SP-passado-moldar-apl-aspeto faca jarra
 ‘Mavuto moldou a jarra com uma faca’ (Baker 1988, p. 300).

Quer dizer, as línguas incorporantes mostram que não é tão óbvia a distinção entre nomes e verbos, pois pode haver amálgama de argumentos nominais às raízes verbais, como em (21), (22) e (23) e pode haver morfemas aplicativos (nos exemplos (24) e (25) acima apresentados o morfema *iri*), que permitem que os verbos selecionem mais um argumento.

Mas voltemos agora a nossa atenção para fenômenos de nominalização e outros relacionados e que eu estudei em Português numa perspectiva sintática.

Para ilustrar esta questão recordo aqui os exemplos que Chomsky (1970) analisa em “Remarks on nominalization”:

- (26) (a) John has refused the offer
 (b) John’s refusing the offer
 (c) John’s refusing of the offer
 (d) John’s refusal of the offer

Nos exemplos (26a, b, c) temos várias construções que costumam ser tratadas no campo da Sintaxe, porque envolvem problemas de ordem de palavras, de seleção categorial e temática, de marcação de caso, entre outros fenômenos: em (26a) uma oração; em (26b) um gerúndio verbal; em (26c) um gerúndio nominal.

Pelo contrário, (26d), na medida em que envolve uma nominalização deverbal, é tratado tradicionalmente como envolvendo um problema morfológico. Embora seja claro que *refusal*, como palavra, obedece a certas restrições específicas, não haverá algo de forçado ao separarmos o estudo das quatro construções apresentadas em (26) em duas componentes diferentes da gramática, Sintaxe e Morfologia? Não seria útil estudar as quatro construções de maneira integrada?

Também em Português há paralelismos semelhantes. Podemos ter infinitivos nominais, caracterizados pela presença da preposição *de*, como em (27a), podemos ter a nominalização de oração infinitiva, geralmente com Infinitivo flexionado, como em (26b), e podemos ter nominalizações sufixais ou não sufixais (26c), afinal para exprimir significados próximos. Teremos mesmo de estudá-las em componentes da gramática distintas?

- (26) (a) O gritar das pessoas surpreendeu-nos. (infinitivo nominal)
 (b) O terem gritado as pessoas surpreendeu-nos. (nominalização de oração infinitiva)
 (c) O grito das pessoas surpreendeu-nos. (nominalização deverbal)

Em Brito (2013) procurei defender que, se em (26b) o que é nominalizado é uma oração com informação própria de tempo, em (26a) temos um infinitivo com mais

propriedades nominais do que verbais e daí a atribuição de genitivo; e em (26c) temos uma nominalização dita pós-verbal ou regressiva, todas com a mesma raiz verbal, embora haja distintas categorias funcionais que explicam as diferentes derivações.

Foi precisamente ao estudar estes tipos de fenómenos que descobri a Morfologia Distribuída, uma teoria formada por Alec Marantz e outros nos anos 90 do século XX e primeiros anos do século XXI, alternativa ao modelo da Teoria da Regência e da Ligação e que eu adotei nalguns trabalhos, sobretudo a partir da visão de Artemis Alexiadou, linguista grega que trabalha há muitos anos na Alemanha.

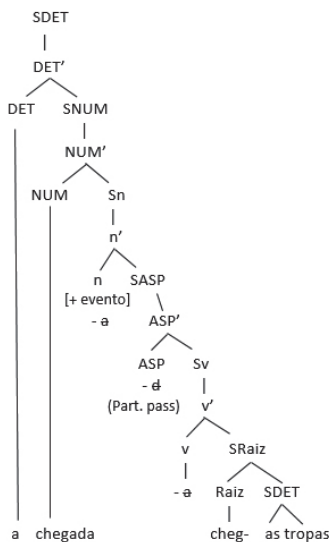
A ideia de que as nominalizações deverbais, ao lado dos infinitivos nominalizados, quer na sua vertente nominal quer na sua vertente verbal, pudessem ser formadas em Sintaxe, a partir de raízes acategoriais, interessou-me imensamente. Alec Marantz defende mesmo que não há verbos e nomes com as respetivas estruturas argumentais num nível que se possa chamar Léxico, porque o que há são raízes e as palavras complexas vão sendo construídas em Sintaxe. Assim, a gramática construiria palavras na Sintaxe pelos mesmos mecanismos, “compor” e “mover”, com que se constroem frases e isso significa que “compor” dois constituintes é uma função das categorias dos constituintes envolvidos, não da operação “compor” propriamente dita.

Além dos fenómenos referidos em (26), apliquei ainda este tratamento sintático às nominalizações em *-da*, ilustradas em (27):

- (27) (a) A tomada da favela pela polícia numa só semana foi surpreendente.
(processo culminado)
(b) A caminhada de / durante trinta minutos fez-me bem. (processo)
(c) A entrada do exército às 10h foi uma decisão do presidente.
(culminação)
(d) A estada do Presidente no Brasil em 2011 correu bem. (estado)

Trata-se de um tipo de nominalização deverbal muito interessante, porque se associa *-da* a vários tipos de raízes, quer do ponto de vista da estrutura argumental quer do ponto de vista da estrutura de evento., como simplificada indico nos exemplos. Assim, parece possível propor que a maneira como estas nominalizações é gerada se distingue da de outros processos morfológicos. Por isso, argumentei, na sequência de Fábregas (2010) para o Espanhol, que tais nomes são derivados do Participio Passado, a que se associa o morfema *-a*, que não é aqui, naturalmente, marca de género mas marca de evento. Em (28) descrevo, nesta perspetiva, a derivação de *chegada* (*das tropas*) (cf. Brito 2017):

(28)



Embora esteja convencida de que a Morfologia Distribuída permitiu avançar em muitos domínios, ficam algumas dúvidas:

- (i) será que a formação de palavras obedece exatamente aos mesmos tipos de operações - 'compor' e 'mover' - que estão na origem da formação de frases e construções, como preconiza Marantz?
- (ii) não haverá restrições próprias da formação de palavras?
- (iii) e como dar conta da existência de morfemas sufixais alternativos, numa perspetiva sintática?

Por outro lado, a Morfologia Distribuída, se levada às últimas consequências, defende que não há Léxico, apenas Sintaxe, e isso é uma posição extrema, que levanta problemas de vária ordem, pois há, em todas as línguas do mundo, expressões idiomáticas e idiosincrasias lexicais que são difíceis de explicar apenas por regras da Sintaxe.

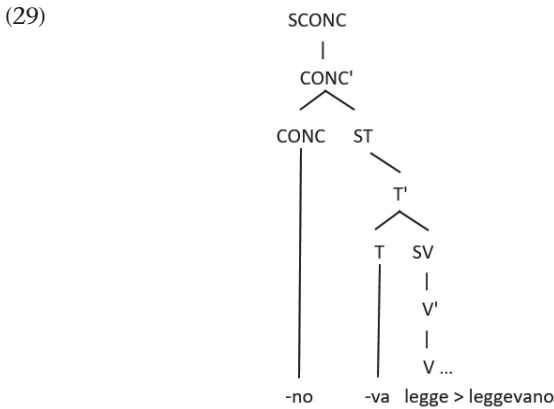
Em Portugal a equipa liderada por Graça Rio-Torto não se tem cansado de propor que certos processos devem ser mesmo descritos e explicados numa componente própria, a Morfologia Derivacional, estreitamente ligada ao tipo de Léxico da língua em causa. Por todas estas razões, atualmente tenho algumas dúvidas em relação à capacidade de a Morfologia Distribuída dar conta da formação de palavras como um todo.

Já no que diz respeito aos mecanismos da Morfologia Flexional, continuo a ter grande simpatia pela Morfologia Distribuída, precisamente porque esta corrente se distancia de um tratamento sintático desses processos.

Nos anos 80 do século XX, certos autores preconizaram um tratamento sintático do acesso dos verbos e dos nomes às marcas de concordância. Baker (1988) e o seu 'Princípio do Espelho' (*Mirror Principle*) preconizava isso mesmo: os mecanismos sintáticos devem refletir a ordem com que surgem as marcas morfológicas.

Quando Belletti (1990) propõe para o Italiano e línguas similares a estrutura de frase descrita em (29), está precisamente a pensar em formas verbais como *leggevano*;

para Belletti, o V toma em primeiro lugar o morfema de tempo *-va* e só depois o de pessoa e número *-no*, justificando-se uma representação como a descrita em (29):



Atualmente, esta maneira de pensar foi profundamente alterada e já não se propõe que os processos de Morfologia Flexional sejam tratados todos em Sintaxe, como resultado de movimentos de núcleos. No Programa Minimalista, preconiza-se que as formas verbais vêm do Léxico já flexionadas e o que a Sintaxe tem de fazer é apenas *verificar* as suas marcas flexionais em determinadas posições da estrutura. Na Morfologia Distribuída, em particular a partir de Halle & Marantz (1993), de Marantz (1993), de Embick & Noyer (2001), há, como já disse acima, um módulo de regras pós-sintáticas, a atuar na interface entre Sintaxe e Fonologia.

E para dar conta da variação com que uma determinada categoria morfológica se realiza considera-se que um morfema pode ser realizado de duas maneiras, como morfema *singleton* e como morfema dissociado. Um morfema dissociado não figura na Sintaxe e é inserido depois de *spell-out*, só refletindo indiretamente a estrutura sintática (Costa & Figueiredo Silva 2006, p. 36).

Veja-se o caso da realização de plural nas expressões nominais em PE e em variedades não europeias do português, já acima afluado. Enquanto em PE o sistema de número é misto, como em (30)

(30) (a) Os meus meninos (PE)

em PB há uma tendência para realizar o número apenas uma vez. Veja-se (30b):

(b) os meu menino (PB)

Assim, de acordo com Costa & Figueiredo Silva (2006), entre outros, o morfema de plural será um *singleton* no PB e um morfema dissociado em PE, tanto ao nível das expressões nominais como ao nível da frase. No caso das expressões nominais e sabendo que DET é o núcleo funcional por excelência das expressões nominais em Português,

será em DET que se realizará o plural na variante oral do PB, como aliás as investigações sociolinguísticas de Scherre (1988) tinham já mostrado nos anos 80 e 90 do século XX.

Se assim for, então certos processos morfológicos (como a concordância no SN) podem ser concebidos como processos pós-sintáticos, a operar entre a Sintaxe e a Componente Fonológica.

Em síntese, se em relação ao tratamento de construções *wh / Q* interrogativas e relativas, por exemplo, tenho adotado, a partir de 1995, o Programa Minimalista, em relação a fenómenos como a concordância adoto muitas vezes a Morfologia Distribuída. Diga-se também que o Programa Minimalista se está a aproximar de algumas propostas da Morfologia Distribuída, como a ideia de que certas operações morfológicas são pós-sintáticas.

O importante a destacar em relação a tudo isto é como, nas últimas décadas, assistimos a diálogos interessantes entre teorias distintas, no quadro geral da Gramática Gerativa. O que está e continua em causa em Linguística, como noutros domínios, é a ideia de construção de um programa científico, no sentido de Lakatos, capaz de dar conta não só da natureza do nosso conhecimento linguístico, como da sua aquisição, da variação e da mudança.

Sintaxe das construções ditransitivas

Outra problemática que estudei muito foi o modo como a estrutura argumental dos verbos e o seu significado lexical se relacionam com a Sintaxe. E fi-lo sobretudo a partir dos verbos de transferência de posse, geralmente chamados ditransitivos, como *dar*, um “core dative verb”, para usar a designação de Rappaport-Hovav & Levin (2008).

Vejamos um exemplo como (31):

(31) A Maria deu uma prenda à mãe.

A noção de Objeto Indireto / dativo é complexa e multifacetada. Os dativos foram estudados por Mário Vilela nos meados dos anos 90 e tanto este autor como Inês Duarte em 2003 perceberam bem que os dativos são muito desiguais, como os exemplos seguintes ilustram:

(32) Doem-me as costas (dativo de posse)

(33) Faz-me lá esse favor (dativo ético)

(34) Põe-me lá essa cortina! (dativo beneficiário mas não argumental)

(35) A Maria deu-me uma prenda (dativo argumental, com leitura de recipiente)

Só em (31) e (35) é que o Objeto Indireto (OI) está de facto a ser usado como argumental, sendo selecionado por um verbo ditransitivo de transferência de posse, o V *dar*. Os outros exemplos mostram que o OI nem sempre é selecionado pelo verbo com o qual coocorre; com efeito, nem *doer*, nem *fazer*, nem *pôr* selecionam o OI, como procurei mostrar em Brito (2009), entre outros trabalhos.

A ambiguidade consistiria na existência de uma leitura de transferência de posse, em que *a* é uma marca de dativo, e uma leitura mais ligada a movimento, em que *a* seria uma verdadeira preposição. É verdade que o PE exibe uma série de construções dativas, das quais se destacam a construção preposicional V OD OI ilustrada em (40) e as construções de clítico dativo, simples ou redobrado (41a, b), para além da alteração da ordem de palavras exibida em (41c):

- (41) (a) O José enviou-lhe uma carta.
(b) O José enviou-lhe a ela uma carta.
(c) O José enviou à Maria uma carta.

Partindo da ambiguidade já referida e sobretudo a partir da existência das construções com clíticos, as autoras aproximam o PE do Inglês e, por isso, propõem que o PE tem alternância dativa. Ora todas as construções possíveis em PE são sinónimas, como procurei mostrar em vários trabalhos. Uma maneira de verificar a sinonímia é perceber se o resultado pode ou não ser cancelado em todas as variantes com *enviar*. Vejam-se os exemplos em (42):

- (42) (a) O José enviou uma carta à Maria (mas ela não a recebeu).
(b) O José enviou à Maria uma carta (mas ela não a recebeu).
(c) O José enviou-lhe uma carta (mas ela não a recebeu).
(d) O José enviou-lhe uma carta a ela (mas ela não a recebeu).
(e) O José enviou-lhe a ela uma carta (mas ela não a recebeu).

Vemos que nas frases (42) o significado de ‘atingir uma meta / um recipiente’ pode ser (pragmaticamente) cancelado em todas as “versões” da construção. Quer dizer, a expressão *à Maria* ou o clítico *lhe* são semelhantes na expressão da meta / recipiente; e a preposição *a* parece, em todas as variantes, ser a mesma expressão de caso dativo. Além disso, *a*, como expressão de caso dativo, é diferente de *para*, uma verdadeira preposição. As duas preposições podem mesmo coexistir em Português, como acontece com *enviar*, *comprar*, entre outros verbos; vejam-se os exemplos em (43):

- (43) (a) O José enviou uma carta à Maria para o aniversário / para Lisboa.
(b) O José comprou um vestido à vendedora para o bebé.

Repare-se igualmente que as autoras escolheram, para ilustrar as construções dativas, o V *enviar*, que tem realmente uma componente de transmissão de posse e uma componente de movimento, como é visível pela possibilidade que temos de construir dois tipos de interrogativas com este verbo:

- (44) (a) A quem enviaste o livro?
(b) Para onde enviaste o livro?

Mas tal não aconteceria com Vs de transferência de posse do tipo de *dar, oferecer*.

Por esta e muitas outras razões que não vale a pena aqui enumerar, distanciei-me destes trabalhos e em vários artigos procurei mostrar o seguinte:

- A preposição de dativo *a* é diferente de *para*, uma verdadeira preposição. As duas preposições podem mesmo coexistir em Português, como acontece nos exemplos (43).

- Em várias línguas do mundo justifica-se a noção de verbo ditransitivo, embora o Português, assim como outras línguas, tenha a distinção entre “core dative verbs” e “non-core dative verbs” e entre dativos argumentais e dativos não argumentais (Brito 2009).

- Em Português não se justifica a existência de alternância dativa, como no Inglês. Como Perpétua Gonçalves (1990) mostrou, o Português não tem passivas dativas (veja-se a agramaticalidade de (45a), ao contrário do Inglês (45b)):

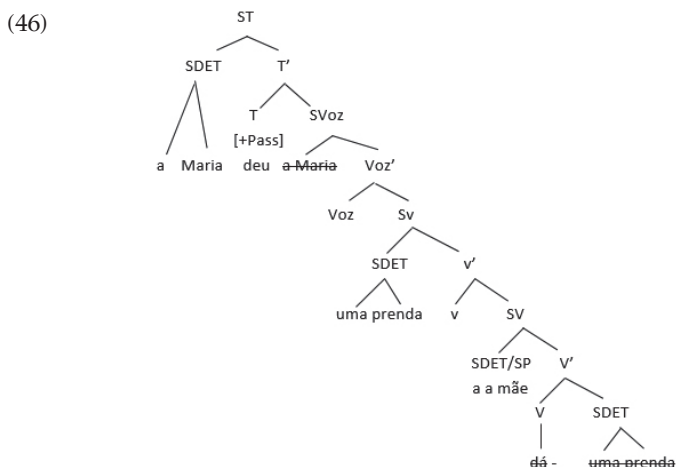
(45) (a) * A mãe foi dada uma prenda.

(b) Mother was given a gift.

- Além disso, o Português tem um sistema de casos nos pronomes pessoais em que a diferença entre dativo e acusativo é bem clara.

Evidentemente tudo isto não dispensa uma procura da estrutura sintática. Qual é mesmo a estrutura das construções ditransitivas em Português? Basta olhar para a bibliografia sobre o tema para se perceber que a estrutura não é óbvia e eu própria hesitei muito em relação a esta questão.

Em Brito (2010), dou uma estrutura possível para as construções ditransitivas em Português. Com *dar* e outros verbos, uma projeção verbal baixa seleciona o argumento OI como especificador e o argumento OD como argumento interno (traduzo em (46) as siglas para português) (para a frase *A Maria deu uma prenda à mãe*):¹¹



¹¹ Em (46), indica-se SDET / SP (SPREP) para marcar que a expressão nominal beneficiário / recipiente tem um estatuto híbrido nominal / preposicional. Em trabalho posterior adoto a proposta de Hagemeyer *et al.* (2018) e indico SK (Sintagma Caso) para marcar que tal expressão em línguas como o Português exibe ou uma preposição de caso dativo ou um pronome.

Como o OD tem de subir para uma posição verbal superior para sondar o caso acusativo e o OI não precisa de subir, explica-se a ordem final não marcada exibida em (47):

(47) A Maria deu uma prenda à mãe.

Este tipo de estrutura foi desenvolvido por Rita Gonçalves (2016), com algumas diferenças formais. Entretanto pertence, assim como o António Leal, ao projeto intitulado PALMA, dedicado a algumas variantes africanas do Português, um projeto sediado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa orientado por Tjerk Hajemeijer e a que pertencem Inês Duarte, Rita Gonçalves e outros e que tem enriquecido o conhecimento sobre a expressão da posse e da localização em variantes não europeias do Português. E fico contente por ver que a minha investigação sobre construções ditransitivas foi um ponto de partida para esse projeto.

Uma conceção abrangente de Sintaxe

Acabei de visitar alguns temas que marcaram o meu trabalho como investigadora em Sintaxe. Apesar de ter atualmente uma visão, por vezes crítica e distanciada, em relação a algumas propostas, tenho consciência de que contribuí para o avanço do conhecimento em Sintaxe do Português, numa perspetiva comparada.

Penso ter mostrado através dos meus trabalhos, sobretudo os das últimas décadas, que a Sintaxe é mais do que a componente da gramática que se destina a distinguir expressões bem formadas das expressões mal formadas. A Sintaxe deve explicar, no sentido de “deduzir explicitamente” como surgem as combinações de palavras e o que elas significam, devendo incorporar aspetos do significado que sejam relevantes. Como afirmam Bosque e Gutierrez-Rechach (2009: 13) “a teoria deve estar concebida de tal maneira que a explicação que se proporcione seja autónoma.” É precisamente neste sentido que se deve entender hoje a ideia de autonomia da Sintaxe. E esta conceção explica muito do meu trabalho nesta área da gramática.

O interesse por áreas aplicadas

Isto não significa que não tenha dado atenção a outras áreas, sobretudo algumas áreas aplicadas, num sentido muito amplo do termo, segundo o qual podemos usar o saber linguístico e teórico em vários tipos de atividades que envolvem a linguagem.

Assim, nestes últimos anos, além da Sintaxe, apoiei cinco áreas associadas a unidades curriculares lecionadas na FLUP e uma delas apenas na ESE do Porto: a variação em Português, a relação entre Linguística e ensino do Português, a Linguística Forense, as Línguas em África e a Linguística da Língua Gestual Portuguesa.

Em relação à variação, o contacto com variantes não europeias do Português e as minhas idas a Moçambique e ao Brasil nos anos 90 do século XX ensinaram-me a não ter uma visão normativa sobre o uso das línguas e prepararam-me para respeitar as variantes. Estou convicta que a UC de *Variedades do Português*, em funcionamento na FLUP, fica bem entregue ao João Veloso e à Clara Barros, com quem partilhei a docência durante alguns anos.

Lecionei a UC *Oficina de Gramática da Língua Portuguesa*, que herdei de Olívia Figueiredo, pois considero que a formação de professores de português fica incompleta sem uma iniciação à prática oficial e laboratorial da gramática; tenho também a certeza de que a Sónia Rodrigues e a Purificação Silvano ficarão a desenvolver um excelente trabalho nesta área.

Resolvi participar em três cursos online de *Linguística Forense*, além de propor a presença desta área no Mestrado em Linguística e no Doutoramento em Ciências da Linguagem, convicta de que estamos perante uma área importante e estratégica para a FLUP, em que a Linguística tem muito a dizer, não só sobre a deteção de plágio como na identificação de autoria em geral. E por isso tenho apoiado o trabalho de Rui Sousa-Silva nesta área.

Prestei igualmente colaboração na UC de *Línguas, Cultura e Património Mundial em África*, do Mestrado em Estudos Africanos, lecionando um módulo de línguas. Não podendo fazer nesta disciplina propriamente investigação em Sintaxe, dada a heterogeneidade dos estudantes deste mestrado, dediquei a minha atenção ao contacto de línguas, ao multilinguismo em África e a questões de educação, nomeadamente à escolha das línguas no ensino. Quero agradecer à Amélia Polónia a confiança e à Alice Duarte a camaradagem que estabelecemos nestes últimos anos.

Quanto à Língua Gestual Portuguesa (LGP), esta foi, sem dúvida, a minha opção mais inesperada nos últimos anos. Desde há muito me interessava a ideia de que a sintaxe das línguas gestuais, línguas mano-motoras e viso-espaciais, pudesse obedecer a princípios comuns aos das línguas orais, embora articulando processos de linearidade e de simultaneidade num espaço sintático com múltiplas potencialidades morfossintáticas, semânticas e pragmáticas.

Por outro lado, nos últimos 50 anos, diversos investigadores, oriundos de várias áreas, como a Neurolinguística, a Psicolinguística, a Linguística, concordam que, a nível da organização neurológica, da aquisição e do processamento, as línguas gestuais têm muitas semelhanças com o que ocorre na aquisição e no processamento das línguas orais e que as línguas gestuais são línguas naturais com um grau de complexidade paralelo ao das línguas orais.

Por essa razão, embora continue a não saber LGP, foi com entusiasmo que coorganizei três encontros sobre a morfossintaxe das línguas de sinais e da LGP em particular, em representação do CLUP, com a Celda Morgado, representando a ESE do Porto. Escrevi ainda, com a Celda Morgado e, numa ocasião, com a Fernanda Bettencourt, que orientei no Mestrado em Linguística, vários artigos sobre a sintaxe da LGP, designadamente, sobre Vs de movimento, Vs de transferência de posse e Vs copulativos e também sobre pronomes.

As línguas de sinais desafiam os linguistas, pois obrigam-nos a repensar certas ideias e certos universais linguísticos, que damos como garantidos, como a distinção entre nome e verbo, os padrões de ordem de palavras na frase, entre outros problemas sintáticos e morfossintáticos.

A ciência é a atividade mais colaborativa que pode haver. Se dúvidas tivéssemos, a experiência recente da pandemia estaria aqui para nos provar isso mesmo. Nos

últimos dois anos percebemos que, se foi possível, em tão pouco tempo, produzir várias vacinas contra o corona vírus, foi precisamente porque equipas de cientistas juntaram o seu trabalho num esforço comum de descoberta. E foi também num espírito de entreatuda que, a partir de março de 2020, professores de todos os graus de ensino se abalançaram, de um dia para o outro, a alterar os seus métodos de ensino e a dar aulas à distância.

Agradecimentos pessoais

Muito do que fui e fiz devo-o a muitas pessoas.

Quero, em primeiro lugar, agradecer a todos os ex-colegas e colegas da FLUP a convivência, a amizade e o saber demonstrados nestes 45 anos. Além dos já nomeados aqui por diferentes razões, quero assinalar Mário Vilela, Graça Pinto, Fernanda Irene Fonseca, Joaquim Barbosa, Sérgio Matos, Belinda Maia, Thomas Hüsgen, Rogélio Ponce de Léon, Isabel Galhano, Alexandra Guedes Pinto, Fátima Silva, Clara Amorim, Françoise Bacquellaine, Ângela Carvalho, a recém-chegada Joana Teixeira e tantos outros colegas do Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos, do Departamento de Estudos Anglo-Americanos, do Departamento de Estudos Germanísticos e de outros departamentos e que têm colaborado quer no Mestrado em Linguística quer no Doutoramento em Ciências da Linguagem, que tive a honra de dirigir durante anos.

Permitam-me que saúde de maneira expressiva a Helena Paiva, a Isabel Margarida Duarte, o João Veloso, a Celda Morgado. E três amigas e companheiras de há mais de cinquenta anos, a Inês Duarte, a Fátima Oliveira, a Gabriela Matos.

Uma palavra de reconhecimento a toda a trupe Villas-Boas, Pina-Cabral, Brito e Vaz.

E um agradecimento especial à minha família mais próxima, aos meus pais, ao meu cunhado Carlos, à minha irmã Helena, ao Gonçalo, à Cristina, ao Hugo, à Margarida e à Constança, a alegria da minha vida.

Para terminar

Talvez não tenha sido por acaso que escolhi como um dos temas desta última lição a minha investigação sobre a sintaxe do Objeto Indireto e dos dativos. Se é verdade que do ponto de vista estritamente linguístico em *dar uma aula* o verbo *dar* não tem o seu significado típico de transferência de posse de uma entidade concreta de um Agente para uma Meta ou um Recipiente, porque *uma aula* é um nome de evento e não um nome de entidade, é um facto que para mim *dar uma aula*, independentemente de ser um trabalho, uma parte essencial da minha profissão de académica, é um ato de completa dádiva não só de conhecimento mas também de mim mesma para os outros. Foi isso que tentei fazer durante quarenta e cinco anos, foi isso que quis fazer neste lugar e neste dia.

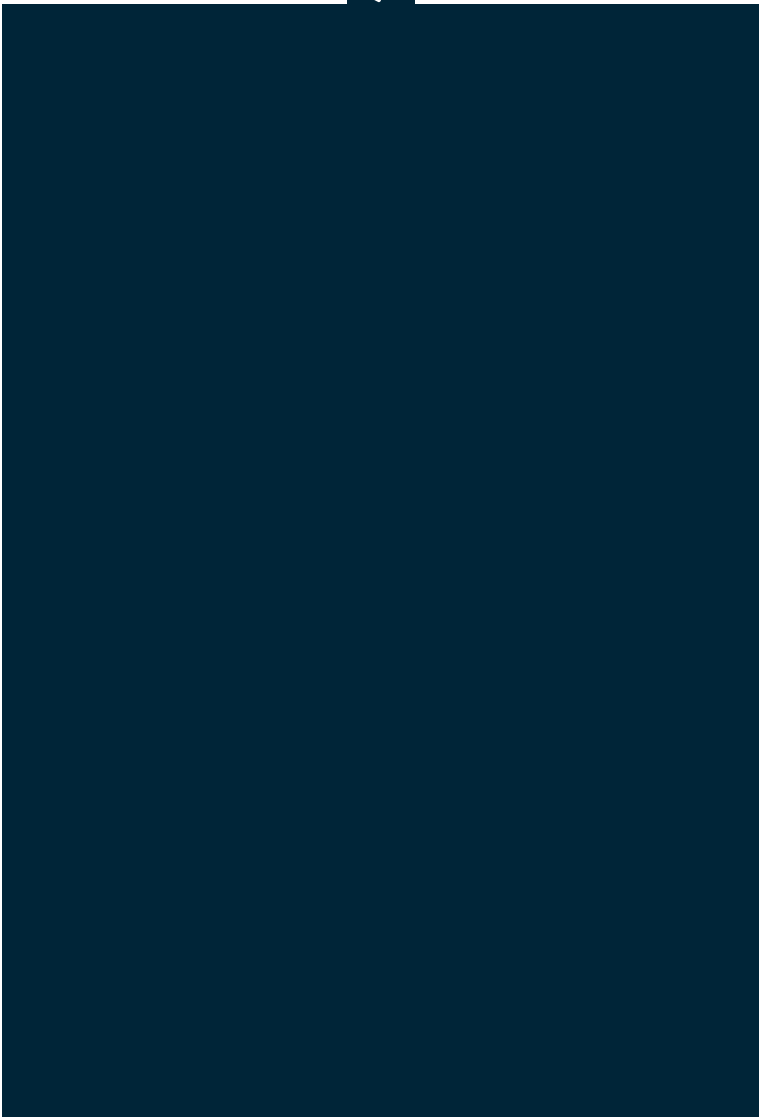
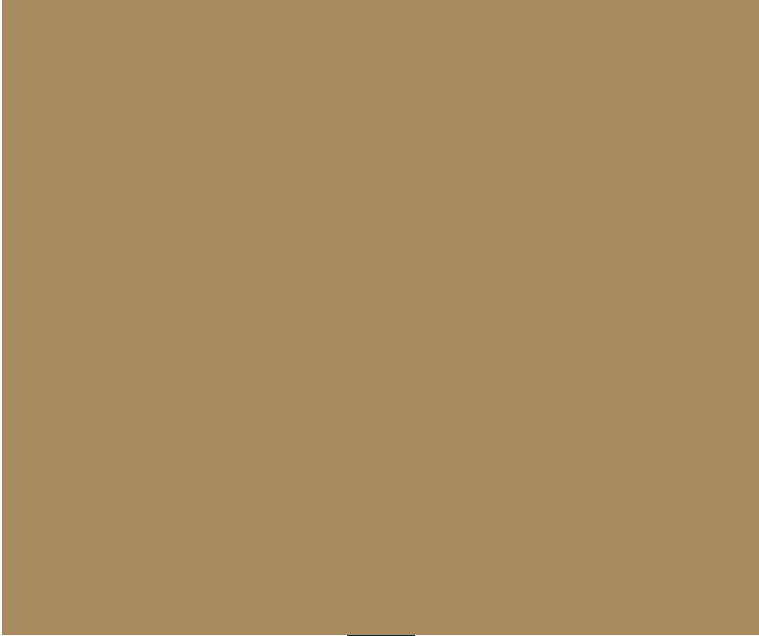
Muito obrigada a todos. Até sempre!

Referências:

- Abney, S. P. (1987) *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*. PhD. Diss., MIT
- Alsina, A. & Mchombo, S. A. (1993) Object asymmetries and the Chichewa Applicative Construction. In Mchombo, S. A. (ed.) *Theoretical aspects of Bantu Grammar*, vol. 1, (pp. 17-45). Stanford, CSLI Publications.
- Baker, M. (1988) *Incorporation. A Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Belletti, A. (1990) *Generalized verb movement: aspects of verb syntax*. Turin: Rosenberg & Sellier.
- Bosque, I. & Gutierrez-Rechach, J. (2009) *Fundamentos de Sintaxis Formal*. Madrid: Ed. Akal.
- Brito, A. M. (1991). *A Sintaxe das Orações Relativas em Português*, Lisboa: INIC.
- Brito, A.M. (1996) A ordem de palavras no Sintagma Nominal em Português numa perspectiva de sintaxe comparada - um caso particular: os Ns deverbiais eventivos, In *Actas do Congresso Internacional do Português*, (pp. 81-106). Ed. Colibri, Lisboa.
- Brito, A. M. (2006) Les relatives non restrictives comme des cas particuliers d'apposition, in *Faits de Langues, Revue de Linguistique*, n° 28, *Coordination et subordination: Typologie et modélisation*, Ophrys, Paris, 67-81.
- Brito, A. M. (2009) Construções de objecto indirecto preposicionais e não preposicionais: uma abordagem generativo-constructivista. In A. Fiéis & A. Coutinho (orgs.) *Textos Seleccionados do XXIV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. (pp. 141-159). Lisboa: Colibri.
- Brito, A. M. (2010) Do European Portuguese and Spanish have the Double Object Construction? In *ENCUENTROGG. V Encuentro de Gramática Generativa*, 29-31 de Julio de 2009, org. da COMISIÓN ORGANIZADORA DEL VEGG, Facultad de Lenguas - Universidad Nacional del Comahue, General Roca, Río Negro, Argentina, CDRom, 81-114.
- Brito, A.M. (2013) Tensed and non-tensed nominalization of the infinitive in Portuguese, *Journal of Portuguese Linguistics*, volume 12, n°1, 7-40.
- Brito, A. M. (2015) Two base generated structures for ditransitives in European Portuguese. In Simões, Barreiro, Santos, Sousa-Silva & Tagnin (eds.) *Linguística, Informática e Tradução: Mundos que se Cruzam*, *Oslo Studies in Language*. 7 (1), 337-357.
- Brito, A. M. (2017) Event nominalizations in *-da* in European Portuguese: a syntactic approach In M. Bloch-Trojnar, A. Malicka-Kleparska (eds.) *Aspect and Valency in Nominals*, (pp. 109-130). Mouton de Gruyter.
- Brito, A. M. & Oliveira, F. (1997) Nominalization, Aspect and Argument Structure. In Gabriela Matos *et al.* (eds.) *Interfaces in Linguistic Theory*, (pp. 57-80). Lisboa: APL / Colibri.
- Brito, A. M. & Raposo, E. P. (2013) Complementos, modificadores e adjuntos no Sintagma Nominal, In E. P. Raposo *et al.* (orgs.) *Gramática de Português*, (pp. 1045-1113). Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- Brito, A. M. & Lopes, R. E.V. (2016) The Structure of DPs. In Wetzels, W. L., S. Menuzzi &

- J. Costa (eds.) *The Handbook of Portuguese Linguistics*. (pp. 254-274). Oxford: Wiley Blackwell.
- Chierchia, G. (1998) Reference to Kinds across Language. *Natural Language Semantics*, 6, 339-405. <https://doi.org/10.1023/A:1008324218506>
- Chomsky, N. (1957) *Syntactic Structures*, The Hague: Mouton.
- Chomsky, N. (1965) *Aspects of the theory of syntax*, Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- Chomsky, N. (1970) Remarks on nominalization. In R. Jacobs & P. Rosenbaum (orgs.), *Readings in English Transformational Grammar*, (pp. 184-221). Washington, D.C.: Georgetown University Press.
- Chomsky, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*, Foris Publications, Dordrecht.
- Chomsky, N. (1995) Bare phrase structure. In H. Campos & P. Kempchinsky (eds.) *Evolution and Revolution in Linguistic Theory*. Washington DC: Georgetown University Press.
- Chomsky, N. (1995). *The Minimalist Program*, Cambridge, MA: MIT Press. The MIT Press.
- Cinque, G. (1994) On the evidence for partial N-movement in the Romance DP. In G. Cinque *et alii* (eds.) *Paths towards Universal Grammar, Studies in honor of Richard Kayne*. (pp. 85-110). Georgetown: Georgetown University Press.
- Costa, J. & Figueiredo Silva, M. C. (2006) Nominal and verbal agreement in Portuguese: An argument for Distributed Morphology. In J. Costa & M. C. Figueiredo Silva (eds.) *Studies on agreement*. (pp. 25-46). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Cuervo, M. C. (2010) Against ditransitivity, *Probus* 22, 151-180.
- Duarte, I. (2003) Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In Mateus, M. H. *et al. Gramática da Língua Portuguesa*, (pp. 275-321). Lisboa: Caminho, 5ª ed.
- Embick, D. & Noyer, R. (2007) Distributed Morphology and the Syntax-Morphology Interface, In Ramchand, G. & Reiss, C. (2007) (orgs.) *The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces*, (pp. 289-324). Oxford: Oxford University Press.
- Fábregas, A. (2010) A syntactic account of affix rivalry in Spanish. In A. Alexiadou & M. Rathert (eds.), *The syntax of nominalizations across languages and frameworks*, (pp. 67-91). Berlin & New York: Mouton de Gruyter.
- Giuliana Giusti (2015). *Nominal Syntax at the Interfaces: a Comparative Analysis of Languages with Articles*. Cambridge. Cambridge Scholars Publishing.
- Gonçalves, P. (1990) *A Construção de uma Gramática do Português em Moçambique: Aspectos da Estrutura Argumental dos Verbos*, PhD. Diss., Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, R. (2016) *Construções ditransitivas no Português de São Tomé*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa.
- Hagemeijer *et al.* (2018) Dative microvariation in Portuguese. *Datives in Discourse*, University of Cologne, 25-26 Outubro.
- Halle, M. & Marantz, A. (1993) Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In K. Hale & S. J. Keyser (eds.) *The View from Building 20*, (pp. 111-176). MIT Press, Cambridge: MIT Press.
- Longobardi, G. (1994) Proper names and the theory of N-movement in syntax and logical form. *Linguistic Inquiry*, 25, 609-665.

- Marantz, A. (1993) Implications of Asymmetries in Double Object Constructions. In Mchombo, S. A. (org.) *Theoretical aspects of Bantu Grammar*, vol. 1, (pp. 113-150). Stanford: CSLI Publications.
- Mateus, M. H. et al. (1983) *Gramática da Língua Portuguesa*, Coimbra: Almedina.
- Mateus, M. H. et al. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho.
- Poletto, C. & Sanfelici, E. (2019) On relative complementizers and relative pronouns, <https://doi.org/10.1075/lv.16002.pol>
- Rappaport-Hovav, M. & Levin, B. (2008) The English dative alternation: The case for verb sensitivity. *Journal of Linguistics* 44 (2008), 129-167.
- Readings, B. (1996) *The University in Ruins*; trad. port. *A Universidade em ruínas*, Angelus Novus, Coimbra, 2003.
- Rinke, E. & Assman, E. (2017) The Syntax of Relative Clauses in European Portuguese. Extending the Determiner Hypothesis of Relativizers to Relative que. *Journal of Portuguese Linguistics* 16 (3), DOI:10.5334/jpl.172.
- Scherre, M. M. P. (1988) *Reanálise da concordância nominal em português*. PhD Dissertation, Federal University of Rio de Janeiro.
- Sleeman, P. & Brito, A. M. (2010) Nominalization, event, aspect and argument structure: a syntactic approach. In M. Duguine, S. Huidobro & N. Nerea Madariaga (eds.) *Argument Structure from a Crosslinguistic Perspective*. (pp. 113-129). Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- Torres Morais, M. A. & Salles, H. M. (2010) Parametric change in the grammatical encoding of indirect objects in Brazilian Portuguese. *Probus*. n. 22, 181-209.
- Veloso, R. (2013) Subordinação relativa. In Raposo, E. P. et al. (orgs.) *Gramática de Português*, Vol. II. (pp. 2061-2134). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vilela, M. (1992) *Gramática de Valências. Teoria e aplicação*, Coimbra: Almedina.





O texto que agora se publica é a “última lição” proferida por Ana Maria Brito na Faculdade de Letras da Universidade do Porto no dia 9 de dezembro de 2021. Depois de justificar o título da lição e de proferir os agradecimentos institucionais, evoca os colegas já falecidos e faz um primeiro balanço da sua vida académica, para a seguir descrever o seu percurso como estudante das Faculdades de Letras da Universidade de Coimbra e de Lisboa e a carreira de 45 anos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Revisita então cinco temas que a interessaram na área da Sintaxe: as orações relativas, a estrutura das expressões nominais, a relação Sintaxe / Morfologia, sobretudo a partir de alguns casos de derivação deverbal e de concordância nominal, terminando esse repensar da Sintaxe e das suas interfaces com as construções ditransitivas. No final, enuncia algumas áreas aplicadas que ajudou a desenvolver na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

ISBN 978-989-9082-17-5



9 789899 082175